



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 13/12/2024 e 19/12/2024

**PREZADOS AMIGOS:**

**ESTE É O ÚLTIMO COMENTÁRIO DESTA TEMPORADA. RETORNAREMOS APÓS O RECESSO DE NATAL, ANO NOVO E DAS FÉRIAS COLETIVAS DA UNIJUI. ASSIM, NOSSO PRÓXIMO COMENTÁRIO SERÁ NA SEMANA DO 10 AO 15 DE FEVEREIRO DE 2025.**

**DESEJAMOS UM FELIZ NATAL E UM EXCELENTE ANO NOVO A TODOS.**

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>13/12/2024</b>	9,88	284,10	42,28	5,26	4,30
<b>16/12/2024</b>	9,82	286,90	41,72	5,50	4,45
<b>17/12/2024</b>	9,76	287,20	40,62	5,45	4,43
<b>18/12/2024</b>	9,51	279,50	39,55	5,41	4,37
<b>19/12/2024</b>	9,63	284,10	40,01	5,33	4,40
<b>Média</b>	<b>9,72</b>	<b>284,36</b>	<b>40,84</b>	<b>5,39</b>	<b>4,39</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	125,00	
RS – Não Me Toque	125,00	
RS – Londrina	126,00	
PR – M.C.Rondon	SC	
MT – C.N.Parecis	132,00	
MS – Maracaju	SC	
GO - Rio Verde	125,00	
BA – L.E.Magalhães	SC	
MILHO(**)		
Porto de Santos	71,00	CIF
Porto de Paranaguá	SC	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	65,00	
SC – Rio do Sul	SC	
PR – M.C.Rondon	SC	
PR – Londrina	61,00	
MT – C.N.Parecis	58,00	
MS – Maracaju	SC	
SP – Itapetininga	69,00	
SP – Campinas	74,00	CIF
GO – Rio Verde	65,00	
GO – Jataí	SC	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	66,00	
RS – Não Me Toque	65,00	
PR – Londrina	72,00	
PR – M.C.Rondon	SC	

Período: 18/12/2024

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 19/12/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	67,00	127,39	65,27

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
19/12/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	99,08
Feijão (saco 60 Kg)	270,00
Sorgo (saco 60 Kg)	59,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,05
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,67**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,56

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Outubro/24, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja despencaram em Chicago, nesta semana. O bushel, para o primeiro mês cotado, chegou a bater em US\$ 9,51 no dia 18/12, se recuperando um pouco no dia seguinte e fechando em US\$ 9,63 no dia 19/12 (quinta-feira), contra US\$ 9,95 uma semana antes. Na mesma época do ano passado, o bushel valia US\$ 13,27.

A boa evolução da safra sul-americana, com previsão de um recorde na produção, após uma boa safra nos EUA, seguida de uma demanda mais comedida, especialmente por parte da China, onde a economia avança mais lentamente, têm sido as principais razões deste recuo. Como se esperava, após preços historicamente altos no período da pandemia da Covid-19 e, particularmente, após o início da guerra Rússia x Ucrânia, o mercado se ajustou e buscou se aproximar das médias. Completou o quadro a eleição de Donald Trump para a presidência dos EUA, o qual promete aplicar tarifas sobre as importações de produtos chineses, fato que tende a levar os chineses a repetirem a reação já realizada no primeiro mandato de Trump, reduzindo bastante as compras de soja estadunidense.

Dito isso, na semana a Agência Nacional de Processadores de Oleaginosas dos EUA informou que o esmagamento de soja, naquele país, em novembro, foi de 5,26 milhões de toneladas. O volume ficou abaixo do registrado no mês anterior e das expectativas, que eram, ambos, de 5,44 milhões de toneladas.

E no Brasil, apesar da disparada cambial, com o Real se desvalorizando para quase R\$ 6,30 por dólar, os preços estacionaram. Em parte porque a forte queda em Chicago compensou a desvalorização da moeda e, de outra parte, porque o mercado sabe que tal câmbio está fora da normalidade e, passado o período especulativo, o mesmo deve voltar, pelo menos, aos níveis de R\$ 5,70 (pela Paridade de Poder de Compra, o câmbio normal do Brasil, hoje, deveria estar em R\$ 5,00). No entanto, o panorama cambial mudou um pouco nestes últimos dias, mesmo com a forte alta do juro básico e das constantes intervenções do Banco Central vendendo dólares, já que o setor financeiro começa a especular um período maior de câmbio acima ou em torno dos R\$ 6,00.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que a média gaúcha fechou a semana em R\$ 127,39/saco, enquanto as principais praças locais ficaram em R\$ 125,00. Já nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 125,00 e R\$ 132,00/saco, com muitas regiões sem cotação, esperando os acontecimentos, dada a instabilidade cambial nacional e a própria realidade baixista em Chicago. Nesta mesma época do ano passado, a média gaúcha foi de R\$ 136,37/saco, enquanto as principais praças do Estado praticaram valores entre R\$ 131,00 e R\$ 132,00. Nas demais praças do país, os preços oscilaram entre R\$ 117,00 e R\$ 124,00. Ou seja, um ano atrás os preços estavam melhores no Rio Grande do Sul e piores no restante do país. Sendo estes, preços nominais, considerando a inflação nacional no período, em quase 5%, os produtores, com raras exceções, estão enfrentando perdas reais nos preços.

Um dos motivos deste comportamento mais cauteloso, do mercado, também está na projeção de uma safra recorde no Brasil. As principais análises giram ao redor de 170 milhões de toneladas a serem colhidas em 2024/25, caso o clima continue favorável até o final do ciclo.

Por sua vez, estudo realizado recentemente indicou que o país tem 13 novos projetos para a construção de indústrias moageiras de soja. Se implantados, os mesmos irão acrescentar 37.000 toneladas/dia à capacidade brasileira de esmagamento de soja entre 2025 e 2027, ou seja, o equivalente a 11,1 milhões de toneladas/ano de esmagamento. Assim, a capacidade nacional total de esmagamento de soja passaria a 72,1 milhões de toneladas em 2027. Em a taxa de esmagamento permanecendo em 92% da capacidade (média), a moagem real passará a 66,3 milhões de toneladas em 2027 (hoje ela está em 54,5 milhões). Um dos grande fatores para este movimento está no aumento do consumo de óleo de soja para biodiesel, já que o mercado espera que o nível da mistura junto ao diesel normal, passe de 14% para 25% no longo prazo, sendo que até 2027 a expectativa é de se chegar a 17% de mistura. “O consumo de diesel no Brasil deve alcançar 72,9 bilhões de litros em 2027, a partir dos 67,8 bilhões de litros previstos para 2024. O consumo de biodiesel também deverá crescer, passando de 9,3 bilhões de litros em 2024 para 12,3 bilhões de litros em 2027, um aumento anual de 9,7%.” Assim, a demanda de óleo de soja para biodiesel deverá aumentar, das atuais 5,9 milhões de toneladas para 7,9 milhões em 2027. Isso freará as exportações do subproduto em torno de um milhão de toneladas anuais. O desafio será dar conta do farelo de soja, já que para cada grão esmagado tem-se 18,5% de óleo e 78% de farelo. De fato, neste contexto, o estudo projeta que a produção de farelo pule para 49,2 milhões de toneladas, com incremento de 7 milhões em relação ao volume atual (cf. Itaú BBA).

Enfim, em relação a safra atual, os produtores de soja devem estar muito atentos ao ataque da ferrugem asiática, que vem atingindo praticamente todas as regiões de produção nacional. Causada por fungo, ela pode reduzir a produtividade das lavouras em até 90%. O ciclo da doença começa com a dispersão dos esporos produzidos nas plantas hospedeiras durante a entressafra, que são transportados pelo vento e se depositam nas folhas da soja. Quando as condições de temperatura (entre 18°C e 26°C) e umidade (molhamento foliar por pelo menos seis horas) são favoráveis, os esporos germinam e o fungo penetra na folha, colonizando seus tecidos.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, subiram nesta semana, chegando a bater em US\$ 4,45/bushel, porém, recuaram um pouco posteriormente, com o fechamento da quinta-feira (19) ficando em US\$ 4,40/bushel, contra US\$ 4,31 uma semana antes. No ano passado, nesta época, o bushel do milho valia US\$ 4,72.

O mercado está diante de uma safra importante, recentemente colhida nos EUA. Mesmo com os estoques mundiais recuando de 316,2 para 296,4 milhões de toneladas neste último ano comercial, ainda haverá muito milho estocado, diante de uma demanda que não se demonstra aquecida o suficiente.

Tanto é verdade que as importações de milho, por parte da China, registram recuo de quase 40% nos primeiros 11 meses do corrente ano, ficando em 13,3 milhões de toneladas. Ajudou para isso a safra recorde de milho obtida pelos chineses neste ano. Com a forte redução nas exportações brasileiras do cereal, o país perdeu o mercado chinês no momento. “No ano passado, apenas o Brasil exportou à China mais de 16 milhões de toneladas, volume maior do que o país asiático comprou em todo este ano.

Em 2024, a China já não figura mais como o principal destino do cereal brasileiro, segundo dados do governo brasileiro, que apontam uma dominância do Egito e do Vietnã como principais destinos até outubro.” (cf. Reuters).

E no Brasil, os preços se mantêm estáveis. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 67,00, contra R\$ 59,35/saco um ano atrás. Portanto, há um aumento nominal de 12,9%, o que supera a inflação anual (IPCA) atual que é de 4,87%. Ou seja, nessa comparação, contrariamente à soja, os preços do milho estão gerando um ganho real aos produtores gaúchos. Lembrando que as principais praças gaúchas praticam, hoje, valores ao redor de R\$ 65,00/saco (R\$ 59,00 um ano atrás), enquanto nas demais praças nacionais os preços atuais oscilam entre R\$ 58,00 e R\$ 69,00/saco, com muitas praças sem cotação nesta semana (R\$ 40,00 e R\$ 66,00/saco em fins de 2023).

Já a produção total de milho, estimada para 2024/25 no país, continua apresentando diferenças importantes entre o setor público e privado. Enquanto a Conab indica pouco mais de 119 milhões de toneladas, o setor privado aponta 129,3 milhões, caso da Pátria AgroNegócios.

Por outro lado, segundo a Secex, nos primeiros 10 dias úteis de dezembro o Brasil exportou 2,4 milhões de toneladas de milho, com a média diária ficando 21,8% menor do que a média de todo o mês de dezembro do ano passado. Em dezembro de 2023 o país exportou 6,1 milhões de toneladas. Diante disso, a projeção de exportação total do cereal para o corrente ano comercial fica entre 35 a 37 milhões de toneladas, contra 55 milhões no ano anterior.

Enfim, se a ferrugem asiática é a praga que preocupa os sojicultores brasileiros, no caso do milho é a cigarrinha. A mesma exige extremo cuidado dos produtores, pois pode dizimar uma lavoura. Em Santa Catarina, por exemplo, “a média estadual da incidência do inseto tem permanecido constante, sendo que a queda na infestação fica comprometida nesta etapa porque a maioria das lavouras está em estágio reprodutivo e, devido à altura das plantas, o manejo de insetos é dificultado” (cf. Epagri-SC).

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, ensaiaram uma recuperação nesta semana, porém, com pouco fôlego. Após o primeiro mês atingir a US\$ 5,50/bushel no dia 16, houve recuo, com o fechamento da quinta-feira (19) ficando em US\$ 5,33, contra US\$ 5,38 uma semana antes. No ano passado, nesta mesma época, o bushel do cereal valia US\$ 6,22.

Dito isso, a França confirma que suas exportações de trigo macio, neste ano, para fora da União Europeia, serão as mais baixas desde o início do século XXI, portanto, nos últimos 24 anos. Além de uma produção que é a menor desde a década de 1980, a baixa demanda do norte africano e da China explicam tal realidade. Soma-se a isso, a concorrência do trigo russo, mesmo com as dificuldades de produção também no país asiático. Hoje, a projeção para este tipo de exportação é de apenas 3,5 milhões de toneladas, ou seja, 66% a menos do que no ano anterior.

E na Rússia, a previsão de safra de trigo voltou a recuar, ficando agora em 78,7 milhões de toneladas para 2025. Se confirmada, será a menor colheita desde 2021. A produção de trigo de inverno está estimada em 50,7 milhões de toneladas, com recuo de 3,6 milhões sobre as projeções anteriores. Assim, as condições para exportação de trigo, por parte da Rússia, são as piores em décadas (cf. Sovecon).

E no Brasil, os preços continuam com viés de baixa, sendo que a média gaúcha fechou a semana em R\$ 65,27/saco, enquanto o Paraná se manteve em R\$ 72,00 em algumas regiões e sem cotação em outras. No ano passado, nesta mesma época, a média gaúcha era de R\$ 63,00 e o Paraná praticava valores de R\$ 67,00/saco em suas principais praças.

A Conab, em seu último boletim de 2024, apontou a produção nacional em 8,1 milhões de toneladas, sendo 4,1 milhões no Rio Grande do Sul e 2,4 milhões de toneladas no Paraná. O número nacional e gaúcho deverá ser revisto, pois a iniciativa privada indica 3,7 milhões no Rio Grande do Sul. Em sendo assim, a produção nacional final ficaria em 7,7 milhões de toneladas em 2024. No ano passado, a colheita nacional ficou em 8,1 milhões de toneladas, sendo 2,9 milhões no Rio Grande do Sul e 3,6 milhões no Paraná.

Em tal contexto, e diante de uma perda importante na qualidade de boa parte dos grãos colhidos, surpreende o mercado não apresentar preços melhores para o trigo de qualidade superior. Especialmente porque, diante do atual câmbio no país, as importações estão muito mais caras. Por enquanto, o mercado apresenta baixa liquidez e preços em recuo. Os valores atuais são os menores, no mercado FOB, desde abril/maio do corrente ano (cf. Cepea). Espera-se uma recuperação dos preços para fevereiro/março de 2025.